

FERREIRA, Vergílio — *Alegria Breve*. Lisboa, Portugalíia
Editôra, 1965, 276 pp.

Em seu livro *Espaço do Invisível*, Vergílio Ferreira distinguia a mera pergunta formal, sem compromisso com a interrogação, de sentido vital angustioso. Pois bem, o seu romance *Alegria Breve* se constitui numa profunda auto-interrogação de Jaime Faria, personagem e narrador em primeira pessoa. Esta interrogação se revitaliza no processo da personagem buscar os momentos mais importantes de sua vida, nas suas várias direções. Procura o homem se ajustar a uma realidade sofrida de sua alma, dentro de uma direção espiritual que antes se sintetiza com a realidade dos sentidos. Síntese em cuja base está a vivência da vida naquilo que apresenta de mais empolgante. Espírito e matéria se juntam para mostrar que o homem está bem vivo, presente totalmente à vida, procurando reinterpretá-la e reinventá-la a todo momento. Isto impõe constantemente a reflexão do ser sobre seus atos, pensamentos e sentimentos. E a reflexão leva o homem a ver novas dimensões nas coisas e com isso alterar o sentido do irreal fazendo-o sentir-se num mundo de irreabilidade. E este constante choque entre a realidade e a irreabilidade é uma constante neste *Alegria Breve* e uma de suas notas mais expressivas. Jaime Faria, o narrador-protagonista, revê sua vida desde a infância, passando pela juventude e atingindo a maturidade. Várias mulheres participam de sua existência. Norma, Águeda, Vanda consubstanciam o processo evolutivo da personagem que busca constantemente uma explicação para tudo. Contudo, êle esbarra com certas coisas inexplicáveis e absurdas, uma das quais, a morte de Águeda, que aparece desde o início do romance. Falamos em síntese do espiritual com o material e realmente a presença constante da mescla da sensualidade e da espiritualidade em Jaime Faria, nos mostra que os extremos se chocam, no aprofundamento-limite (para usarmos um termo caro a Vergílio Ferreira) na aparição do ser a si mesmo (para usarmos outro termo a muito gosto do romancista).

Sentimos com tudo isto que para o romancista, já totalmente amadurecido na obra como na vida, tudo está perfeitamente resolvido, as coisas estão no seu devido lugar, desde que a criatura esteja atenta para os mínimos fatos e acontecimentos. Disto resulta ser a obra *Alegria Breve* (como inúmeras outras do autor) uma rejeição do alheamento, uma busca da luta numa afirmação em termos existenciais do homem na terra. Este existencialismo está presente nas relações de Jaime Faria com as mulheres que encontra em sua vida, cada uma, mais ou menos, permitindo a revelação da potencialidade sensual da personagem. E no caso da personagem, como quase sempre, Vergílio Ferreira faz aparecer como maior destaque uma em especial, e que vai depor diretamente as suas idéias, impressões e sensações, ficando as outras em plano apagado, como definição psicológica mais precisa, embora com interêsse para a explicação do espírito do protagonista. Na maior parte dos casos, quando há o diálogo direto (ainda em *Alegria Breve* o A. realiza na maior parte da obra um monólogo inte-

rior), observam-se as reações psicológicas das personagens em torno do ato genesiaco, descrito com pormenores e energia vigorosa. Nota-se que a personagem caminha em dois extremos: a profunda e incontida idealidade da vida espiritual e a desbragada sensualidade nas relações com as outras personagens. Tudo é forte e impregnador neste **Alegria Breve**; e embora o romanesco apareça com mais destaque, já que Vergílio Ferreira se preocupa em contar uma história verossímil, ainda permanece a discussão de problemas, o espírito de ensaio, o romance de idéias tão caro e tão próprio do autor de **Aparição**. Ainda aqui o romanesco é pretexto a todo momento, para o estabelecimento da reflexão em torno dos problemas da criatura humana. Ainda o romance participa de duas direções do espírito da ficção de Vergílio Ferreira: o existencialismo e o essencialismo, aquêlê amparado nos atos e nas ações de sentido erótico de Jaime Faria, a escorar a presença do "corpo" e consubstanciando a dinâmica das ações, êste proposto na profundidade da análise psicológica do protagonista, que busca prescrutar as criaturas com as quais entra em contacto.

Muitas vêzes a concentração na análise do protagonista leva ao fechamento do diálogo direto, para o encaminhamento a um longo monólogo no que se procura adivinhar as reações psicológicas do interlocutor. É o que ocorre com Jaime Faria com relação ao engenheiro Luís Barreto, a Vanda, a Águeda, e a Norma. Busca-se uma comunicação maior entre as criaturas humanas, para que se resolva o significado maior ou menor que as criaturas têm umas para as outras. Assim entende Vergílio Ferreira o romance: abertura do diálogo em silêncio entre o romancista (e suas personagens) e o leitor. E, sem que o autor pretenda deliberadamente, **Alegria Breve** se realiza como um romance de sentido pedagógico, ensinando o homem a entender-se e a entender os outros homens, não na zona epidérmica e fútil das manifestações exteriores, mas na região mais profunda do ser, onde se geram os maiores conflitos e as maiores crises, fonte mesma de crescimento espiritual. Claro que esta volta do homem para si mesmo, através da reflexão o lança num mundo meio irreal, tal a transfiguração que as coisas tomam, Mas é preciso que o homem assuma tal responsabilidade, para que justifique a si mesmo e a seus atos, num sentido mais profundo. É o que ocorre precisamente com Jaime Faria, no auto-reconhecimento que busca e no consequente reconhecimento das criaturas com quem entra em contacto.

Concluindo, êste **Alegria Breve**, embora participe grandemente do mundo da ficção, cresce de significado por suscitar a discussão, a interpretação dos problemas humanos e por isso mesmo adquire certo valor universal (que não nos venha a traír a ação do tempo sôbre a obra). O romance confirma mais uma vez ser Vergílio Ferreira uma das maiores vocações de romancista (e ensaísta) da moderna Literatura Portuguesa.

João Décio.